

Vladimir e o psicanalista



Dona Ivone não conseguia tirar os olhos do pálido sujeito sentado de pernas cruzadas sobre o sofá de couro marrom da ante-sala. Ele lia o jornal do dia anterior com curioso interesse e vesti-se com roupas caras e de grife.

- Doutor Stoker lhe atenderá em breve - informou Dona Ivone, a secretária, novamente ao paciente, como para ter certeza de que ele havia ouvido.

Era o último paciente daquele dia, pois o sol já havia se posto e o relógio branco da parede já indicava que eram sete da noite. O café já estava frio na enfeitada garrafa térmica de Dona Ivone e ela desejava acima de tudo ir para casa, distanciar-se daquele homem que a fazia se sentir tão desconfortável, como que se por trás do jornal ele a estivesse observando o tempo todo. Notando a presença dela. Sentindo seu cheiro. Estava velha de mais para aquilo.

- Obrigado - respondeu ele novamente com uma voz seria, mas simpática.

O paciente anterior a esse havia saído do consultório a cerca de trinta minutos e Abraham provavelmente estava se preparando para atender esse, ou talvez, estivesse apenas descansado a cabeça com um de seus livros.

Uma luz verde piscou no terminal telefônico de Ivone e ela não precisou atender o chamado para saber que estava na hora do paciente entrar.

- Ele irá lhe atender agora, Senhor Vladimir - disse Ivone.

O homem pôs o jornal sobre a mesa antes mesmo da secretária anunciar que havia chegado sua vez. Ela observou sua roupa de corte fino não demonstrar qualquer amassado no tecido por ele ter se sentado. Sua face e seu cabelos longos penteados para trás em um corte simétrico também estavam com a aparência máxima, assim como

seu rosto pálido e sem muita expressão. Olhos profundos nos quais ela poderia perder minutos observando.

Era lindo, sem dúvida, lindo. Mas... mórbido.

Ele sorriu para ela e caminhou em passos perfeitos até a porta. Ela teve a impressão de ouvi-lo dizer “obrigado novamente”, mas sua boca não havia se mexido. Ele abriu a porta, caminhou para dentro do consultório e a fechou sem barulho.

- Bom-dia, Vladimir - disse o Doutor. - Sente-se - indicou o divã.

- Bom-dia, Bram - respondeu Vladimir sentando-se no divã indicado e observando por alguns segundos todos os livros da longa estante que o Doutor possuía. Clássicos e mais clássico, no entanto ele já havia lido todos.

- E como passamos a última semana? - Perguntou o Doutor.

- Sabe - começou o paciente -, eu acho que não posso suportar isso por muito mais tempo.

- Claro que pode, não seja bobo, você tem todo o tempo do mundo - brincou o Doutor e Vladimir sorriu. - Fez os exercícios de respiração que te passei para relaxar?

- Fiz como indicado, e devo admitir com profundo agradecimento de que funcionou no começo, mas agora nem isso funciona mais.

- Entendo. - Ponderou Dr. Stoker batendo os dedos da mão direita na tábua. - Vladimir, acredito que seu problema não vá se curar logo, e digo isso com sinceridade, nossa única opção é sua catarse e sei que entendes isso. - Vladimir fez que sim com a cabeça.

- Então vamos lá - recomeçou o Doutor -, diga-me como foi sua semana.

- Elas de novo. Sempre elas! - Falou Vladimir e se deitou sem que fosse convidado.

- Rondando a minha casa pela manhã! Me seguindo nas ruas! Não aguento mais!

- Continue - encorajou Dr. Stoker.

- Acredita que um delas me pediu para carrega-la nas costas? Tem noção do quanto isso é humilhante? Ah, os campos! Que saudade tenho

dos campos, quando eu corria por aí atacando camponeses com machados e os empalando no café-da-manhã! Estuprando virgens galesas e atirando seus corpos sem vida aos cachorros no final. Eu era respeitado!

Eu era respeitado! – Gritou Vladimir e o Doutor percebeu em seu tom de voz um leve descontrole.

- Entendo. Mas não acha que os tempos mudam? Talvez deve-se se adaptar a eles – comentou Abraham.

- Você sabe que não posso. Tenho meus hábitos e isso é a única coisa que me resta!

Me lembro quando minha história caiu na boca do público e fizeram até filmes sobre mim e meus filhos, mas Deus, aonde isso foi parar? Recebo cartas e mais cartas dizendo desde apenas “Me morda” até “Eu te amo”! Não tenho como descrever a desonra que isso causa a minha imagem. Eu já fui temido, sabe?

- Sei sim, Vladimir, mas é o fardo que você carrega. Para alguém tão velho quanto você, deve ser difícil de fato encarar toda essa modernidades e efusividade do mundo contemporâneo.

- Nem me fale... Até agora não entendi para que serve Bluetooth. O que isso quer dizer afinal? É um charada? O mundo anda tão confuso doutor... Eu... – Dr. Stoker percebeu a voz de Vladimir tremular -, sinto falta do medo. Antigamente me olhavam nas ruas de chão de pedra e toda a cidade estava em alarde. Hoje se eu saí na rua tenho que me disfarçar porque se alguém me ver, mais rápido do que um morcego, centenas de adolescente gordas e sem namorados, de amores reprimidos e uma leve tendencia a síndrome de Estocolmo me perseguem se descabelando e gritando “Eu sei a verdade” e “Me leve com você”.

- Talvez devesse tentar se entender com elas – disse Stoker sem esperança.

- Entender? Não há como! São loucas! Loucas! – Gritou Vladimir. – Tenho medo de sair na rua, Doutor, medo! E... – Os olhos do paciente se encheram de lágrimas.

Doutor Stoker se levantou de sua cadeira, deu a volta na mesa e sentou-se ao lado dele no divã colocando a mão em seu ombro.

- Deixa sair, vai te fazer bem – falou Stoker.